

A CRÍTICA TEXTUAL E A FORMAÇÃO EM LETRAS

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)

rcrqueiroz@uol.com.br

O conceito de Filologia sempre esteve atrelado à ciência da cultura, pois o filólogo sempre busca situar o uso da língua ao contexto. A Filologia tem suas origens mais remotas na Grécia do período alexandrino (322-146 a.C.). Segundo António Tovar (1944, p. 15), a Filologia despontou “[...] como um segundo grau de um ensino primário cujas primeiras letras estavam baseadas em uma poesia nacional, principalmente em Homero.” Os primeiros filólogos, cuja sede de estudos estava localizada na Biblioteca de Alexandria, se ocuparam dos textos de Homero, cumprindo assim a tripla tarefa de crítica textual, interpretação e a integração superior dos textos, pois todo este labor tinha como intenções resgatar, recuperar, restaurar, autenticar, interpretar, iluminar, tornar transparente a produção intelectual do clássico escritor grego. Neste sentido afirma Lebrave (2002, p. 104):

Foi ao redor das bibliotecas de Alexandria e Pérgamo que se constituíram as primeiras escolas filológicas helenísticas. Na renascença, humanistas e filólogos redescobriram a Antigüidade, graças ao acesso renovado ao testemunho escrito dos grandes textos.

Destarte, os estudos filológicos seguiram durante a Antiguidade, com as edições de textos de autores clássicos quanto com a elaboração de gramáticas e dicionários. Na Renascença, buscando resgatar e recuperar textos clássicos perdidos, seja em bibliotecas de mosteiros ou em outros locais, os filólogos continuaram a se debruçar sobre os estudos dos clássicos. No entanto, no final da Idade Média muitos falares vulgares ou populares ganharam *status* de língua, passando assim muitas comunidades a escreverem nas línguas que já falavam há bastante tempo. Neste caso se encontram as línguas românicas, ou seja, aquelas originadas da fragmentação da língua latina. Deste modo, tem-se em 842 o primeiro texto escrito em língua francesa, seguindo-se com publicações, literárias ou não, de obras em outras línguas, tais como espanhol, italiano, provençal, dentre outras. A língua portuguesa, considerada pelo poeta brasileiro Olavo

Bilac como a “última flor do Lácio”, tem comprovadamente seus primeiros textos escritos a partir do século XII.

Em todo o final da Idade Média e a Renascença os filólogos, além de continuarem com o trabalho de edição dos textos clássicos, passaram também a estudar as novas línguas: como se formaram, qual a origem, quais as semelhanças e diferenças entre elas, bem como se dedicaram à elaboração de dicionários bilíngües: latim-francês, latim-italiano, etc. e às gramáticas, a fim de fixarem as normas de uso dessas línguas.

O século XIX marca a constituição da Filologia como ciência. Neste período, tanto o interesse filológico (resgate e edição de textos) quanto o lingüístico (pesquisa sobre as línguas românicas e suas relações) se destacam. Na vertente da edição de textos, tem-se o alemão *Karl Lachmann* como aquele que metodizou cientificamente as etapas de edição de um texto iniciadas pelos gregos em Alexandria. Quanto ao estudo lingüístico, o também alemão *Friedrich Diez* é o responsável pelo uso do método histórico-comparativo aplicado às línguas românicas, o qual estabeleceu cientificamente a filiação latina àquelas línguas.

A partir do processo de transmissão dos textos, o professor de Filologia Românica passa a descrever como aqueles podem ser modificados e perdidos ao longo dos tempos.

Durante muito tempo, três inquietações dominaram a relação com a cultura escrita. A primeira é o temor da perda. Ela levou à busca dos textos ameaçados, à cópia dos livros mais preciosos, à impressão dos manuscritos, à edificação das grandes bibliotecas. Contra os desaparecimentos sempre possíveis, trata-se de recolher, fixar e preservar. A tarefa, jamais finda, é ameaçada por um outro perigo: a corrupção dos textos. No tempo da cópia manuscrita, a mão do escriba pode falhar e acumular os erros. Na era do impresso, a ignorância dos tipógrafos ou dos revisores, como os maus modos dos editores, trazem riscos ainda maiores. (Chartier, 1999, p. 99).

Sejam textos literários ou não, o medo da perda sempre dominou a relação do homem com o seu produto, como bem enfatiza Roger Chartier na citação apresentada acima. A fixação da escrita é um advento muito recente na história da humanidade, o qual se pode datar em aproximadamente 5.000 anos. Toda a história do homem se fez conhecida a partir do momento em que aquele dominou o código

escrito e assim pode legar à posteridade seus feitos, seus sentimentos, suas emoções, seus anseios... É através da escrita que se tem a chave para o conhecimento do passado histórico e para a Filologia é a responsável pelo desenvolvimento dos estudos realizados pelos filólogos de todos os tempos. Sem os textos escritos não seria possível estabelecer qual o texto mais fidedigno. É a partir da análise das diversas cópias feitas de um mesmo texto que o filólogo define aquele que é o mais próximo do original, apresentando as variantes introduzidas ao longo da tradição textual.

Neste sentido, pode-se trabalhar, por exemplo, com um texto muito conhecido do público baiano, em especial o soteropolitano, que é o Hino ao Senhor do Bonfim. A letra deste hino é de autoria do poeta baiano Arthur de Salles, que morreu em 1952. Muitos conhecem o hino através da interpretação do cantor Caetano Veloso, mas o que poucos sabem é que há diferenças em alguns versos, sendo aquelas que ficaram na memória coletiva e que são repetidas há muitos anos, principalmente durante a festa popular da Lavagem do Bonfim.

O licenciado em Letras, ao tomar conhecimento disto, pode trabalhar com seus alunos a questão da cópia, do plágio, das interferências de terceiros em textos literários. Pode mostrar ao seu aluno como algo se torna tradição. O licenciado pode enfatizar também que muitas vezes se faz análises literárias com base em textos que podem não ser os genuínos.

O Grupo de Edição de Textos da Universidade Federal da Bahia – UFBA estabeleceu criticamente o texto do hino com base na versão manuscrita deixada por Arthur de Salles. Na seqüência é possível verificar as variantes, destacadas em negrito.

Texto editado criticamente pelo Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA*	Texto divulgado no site da Ática Educacional**
Glória a Ti neste dia de glória! Glória a Ti, Redemptor, que há cem anos, Nossos pais conduziste à vitória, Pelos mares e campos baianos. Dessa sagrada colina, Mansão da misericórdia, Dá-nos a graça divina Da justiça e da Concórdia. Glória a Ti! Dessa altura Sagrada És o eterno fanal , és o guia.	Glória a ti neste dia de Glória Glória a ti redentor que há cem anos Nossos pais conduziste à vitória Pelos mares e campos baianos. Dessa sagrada colina Mansão da misericórdia Dai-nos a Graça Divina Da Justiça e da Concórdia Glória a ti nessa altura sagrada És o eterno farol , és o guia

<p>És, Senhor, sentinela avançada, És a guarda imortal da Bahia.</p> <p>Aos Teus pés que nos deste o Direito, Aos Teus pés que nos deste a verdade, Canta e exulta num férvido preito A alma em festa da Tua cidade.</p> <p>À alma heróica e viril deste povo, Nas procelas sombrias da dor, Como a pomba que voa de novo, Sempre abriste o Teu seio de amor.</p> <p><i>*Texto estabelecido a partir do cotejo dos seguintes testemunhos: manuscrito autógrafo (sem data); texto integrante da partitura do hino, impresso pela Litografia Viúva Reis (sem data); e uma publicação da <i>Ilustração Brasileira</i>, v. 4, n. 34, 1923.</i></p>	<p>És, Senhor, sentinela avançada És a guarda imortal da Bahia.</p> <p>Aos teus pés que nos deste o Direito Aos teus pés que nos deste a Verdade Trata e exulta num férvido preito A alma em festa da nossa cidade.</p> <p>Dessa sagrada colina Mansão da Misericórdia Dai-nos a Graça Divina Da Justiça e da Concórdia.</p> <p>**Fonte: <http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/secoes/feitas.aspx?cod=420>. Acesso em: 14 jul. 2007.</p>
<p>Texto cantado pelo Coral das Crianças**</p> <p>HINO AO SENHOR DO BONFIM (Antônio Wanderley e Arthur de Salles)</p> <p>Glória a ti neste dia de Glória, glória a ti redentor que a cem anos Nossos pais conduziste a vitória, pelos mares e campos baianos</p> <p>Dessa sagrada colina, mansão da misericórdia, Da-nos a graça Divina da justiça e da concórdia</p> <p>Gloria a ti dessa altura sagrada, es o eterno fanal es o guia Es senhor sentinela avançada, es a guarda imortal da Bahia</p> <p>Aos teus pés que nos deste o direito, a teus pés que nos deste a verdade Canta e exulta um fervido preito a alma em festa da tua cidade</p> <p>Àlma heróica e viril deste povo, nas procelas sombrias da dor Como a pomba que voa de novo, sempre abriste teu seio de amor</p> <p>***Fonte: < http://www.coraldascrianças.salvador.ba.gov.br/musica.asp#>. Acesso em: 14 jul. 2007</p>	<p>Texto veiculado no jornal O Globo****</p> <p>Hino do Senhor do Bonfim João Antonio Wanderley e Peiton de Vilar</p> <p>Glória a ti neste dia de Glória Glória a ti redentor que há cem anos Nossos pais conduziste à vitória Pelos mares e campos baianos.</p> <p>Dessa sagrada colina Mansão da misericórdia Dai-nos a Graça Divina Da Justiça e da Concórdia</p> <p>Glória a ti nessa altura sagrada És o eterno farol, és o guia És, Senhor, sentinela avançada És a guarda imortal da Bahia.</p> <p>Aos teus pés que nos deste o Direito Aos teus pés que nos deste a Verdade Trata e exulta num férvido preito A alma em festa da nossa cidade.</p> <p>Dessa sagrada colina Mansão da Misericórdia Dai-nos a Graça Divina Da Justiça e da Concórdia.</p> <p>****Fonte: < http://oglobo.globo.com/pais/noblat/arquivo16.asp>. Acesso em: 14 jul. 2007</p>

Ademais do estudo do texto literário, a vertente filológica também trabalha com textos não literários, com os quais os filólogos

realizam edições que podem ser paleográficas, diplomáticas ou semidiplomáticas, para citar apenas algumas. Também com esses textos é possível fazer estudos acerca da língua de um determinado período, verificando as variações sincrônicas ou diacrônicas em relação à ortografia, sintaxe, léxico, etc. Bem como se pode trabalhar a questão da preservação dos acervos documentais, um patrimônio que representa a memória de um povo.

Neste sentido, apresenta-se a seguir a edição semidiplomática de uma carta de alforria. A partir daquela, pode-se fazer incursões relativas à ortografia e ao léxico da língua portuguesa, às abreviaturas usadas no século XIX (período de lavramento da carta), bem como outros estudos que sejam pertinentes e que demonstrem a importância do trabalho filológico.

Artigo 21 de *Registro* 4835 de 1º de Dezembro de 1871

5 Jose da Anunciação e Souza residente n'este municipio declara a Collectoria Geral que no dia 24 de Outubro de 1881 passou Carta de liberdade a sua escrava Martina parda solteira com 21 annos *quando* matriculada em 29 de Abril de 1872 sob o n° 645 da matricula geral e 3 da relação; declara mais que precinde dos direitos que tem *por*

10 Ley nos Ingenuos seguintes filhos da referida escrava = Ignez parda matriculada sob o n° 26 da matricula geral [e] 26 da nota. Antonio cor parda sob o n° 1213 e 1211 da nota. Maria parda sob o n° 1878 [e] 1871 da nota e Ângela

15 fulla sob o n° digo e Angelo do sexo masculino fullo sob o n° 2628 e 2617 da nota.

Provincia da Bahia
Municipio da *Cidade* da Feira
20 Parochia de São José 22 de
Abril de 1882
Arrogo da declarante
Viriato Magalhães de Figueiredo
25 Como testemunha e Manoel Hermenegildo da *Silva*
Antonio Moreira Duarte

A *folhas* 139 do 2º Livro fição feitas as precizas declarações. Em 24 de Abril 1882

Pello Collector
A Barretto

O Escrivão
[assinatura]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se buscou neste trabalho foi apresentar uma reflexão para que o licenciado em Letras use o conhecimento sócio-histórico-cultural que adquire nas aulas da disciplina Filologia Românica em sua prática de ensino. Refletir sobre esse conhecimento fará com que entenda a dinâmica da língua que usa e que ensina na escola. O componente cultural não pode ser esquecido no momento em que ensina gramática, literatura, técnicas de redação. Tudo isso junto reflete o todo que compõe a sociedade atual, herdada de gerações e gerações. É preciso que o egresso de Letras analise o processo de construção da sua identidade e que este seja passado para os(as) alunos(as), a fim de que todos juntos entendam os mecanismos que movem e que seguirão movendo as sociedades.

Trabalhar com textos, sejam estes literários ou não, verificar naqueles as ocorrências relativas às mudanças lingüísticas, históricas, culturais é um exercício que o professor de Filologia faz na busca por um ensino superior de qualidade, o qual será revelado na prática do licenciado em Letras. Entretanto, sabe-se que muitos dos egressos dos cursos de Letras, ao ingressarem no mercado de trabalho, seguem a cartilha que as escolas ditam, ensinando a língua materna sem a devida reflexão dos aspectos sócio-histórico-culturais que a compõe e que a tornam um bem inestimável para todos os seus usuários.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARENA, C. Filologia. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, vol. 17, p. 200-217.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. 2ª reimp. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado / UNESP, 1999.

GUERRA, Antonio Guzmán; CALLER, Paloma Tejada. *¿Como estudar filología?* Madrid: Alianza, 2000.

LÁZARO CARRETER, Fernando. *Diccionario de términos filológicos*. 3ª ed. corr. Madrid: Gredos, 1990.

LEBRAVE, Jean-Louis. Crítica genética: uma nova disciplina ou um avatar moderno da filologia? **In:** ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 97-146.

QUEIROZ, Rita C. R. (Org.). *Documentos do acervo de Monsenhor Galvão*: edição semidiplomática. Feira de Santana: UEFS, 2007.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROZ, Rita e Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.) *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 95-115.

TOVAR, Antonio. Lingüística y filología clásica: su situación actual. *Revista de Occidente*, Madrid, 1944.